

O MAPA DAS MEDIAÇÕES COMUNICATIVAS DA CULTURA: uma segunda onda na abordagem das mediações de Martín-Barbero?¹

MAP OF COMMUNICATIVE MEDIATIONS OF THE CULTURE: a second wave in the approach to Martín-Barbero mediations?

Lírian Sifuentes²

Ana Carolina Escosteguy³

Resumo: *O foco do trabalho se concentra no programa de pesquisa das mediações, proposto por Jesús Martín-Barbero, mais especificamente, no Mapa das Mediações Comunicativas da Cultura ([1998]2003) e sua utilização na investigação empírica, no contexto nacional. Para tal, recapitula-se a matéria, sem objetivar o debate crítico, e identificam-se os usos dessas mediações na pesquisa em Comunicação. Conclui-se que, apesar de possuir posição de destaque no debate teórico-metodológico, o Mapa em questão é ainda pouco explorado na pesquisa empírica, seja de modo integral, seja parcial.*

Palavras-chave: *Mediações. Martín-Barbero. Pesquisa empírica.*

Abstract: *The focus of the paper emphasizes on the research program of mediations, proposed by Martín-Barbero, more specifically, the map of Communicative Mediations of the Culture ([1998] 2003) and its use in empirical research in the national context. To this end, we sum up the matter without aim critical debate, and identify the uses of these mediations in Communication research. It is possible to conclude that, despite having a prominent position in theoretical and methodological debate, the Map remains underexplored in empirical research, is integrally, is partial.*

Keywords: *Mediations. Martín-Barbero. Empirical Research.*

1. Introdução

O programa de pesquisa das mediações, no contexto latino-americano, tem como referência maior a obra de Jesús Martín-Barbero “Dos meios às mediações” ([1987] 1997). Originalmente difundido em território nacional via textos que passavam de mão em mão, organizados artesanalmente em apostilas, tem em 1997 sua primeira edição em português. Da circulação restrita em determinados nichos acadêmicos, circunscritos à pesquisa em comunicação, e referendado como em ruptura com as teorias dominantes no período, passou

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Recepção: Processos de Interpretação, uso e consumo midiáticos do XXV Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal de Goiás, Goiânia, de 7 a 10 de junho de 2016.

² Pesquisadora de Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS. Doutora em Comunicação. E-mail: lisifuentes@yahoo.com.br

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUCRS. Doutora em Comunicação. Pesquisa do CNPq. E-mail: carolad@puers.com.br.

a alvo de exegeses e críticas, sobretudo, no último decênio (ver, entre os precursores, SIGNATES, 1998; e, mais recentemente, MARCONDES FILHO, 2008). Revisão que tomou novo impulso a partir de um controverso confronto com a problemática teórica da midiatização, embora para alguns (SILVA, 2012; BRAGA, 2012; SANTI, 2013) haja mais proximidade do que afastamento entre as respectivas posições.

Distantes do debate crítico e analítico de tal proposição, seja pela perspectiva de caráter epistemológico-metodológico ou teórico, nosso objetivo é recuperar sua utilização no trabalho da pesquisa empírica. Mais especificamente, trata-se de identificar o uso do Mapa das Mediações Comunicativas da Cultura ([1998]2003), de modo integral ou parcial, no nosso meio acadêmico.

Considerando a existência de uma “primeira onda” de circulação do pensamento do autor no contexto nacional, a partir da publicação da proposta recém citada ([1998] 2003) se formaria uma “segunda onda”. Nessa, pressupõe-se que o reconhecimento de tal perspectiva como uma teoria sobre o circuito comunicativo – constituindo uma visão integrada da produção, circulação e recepção – é evidente, bem como a reivindicação de que a particularidade deste mapa reside na atenção ao especificamente “comunicativo” (MARTÍN-BARBERO, 2009a, p.159). Em termos cronológicos, poderíamos situar o início da “primeira onda” em 1987, quando é lançado “De los medios a las mediaciones”. Já para assinalar o início da “segunda onda”, tomamos a publicação da 5ª edição castelhana da obra, publicada em 1998, que traz o prefácio com o Mapa das Mediações Comunicativas da Cultura. Embora em ambos os casos ainda não houvesse a tradução para o português, o que dificulta um uso mais corrente em nosso contexto, isso não impede a incorporação das ideias entre as pesquisas nacionais.

Detendo-nos no período que estamos chamando de segunda onda, procede-se ao levantamento das pesquisas que exploram o Mapa das Mediações Comunicativas, analisando de que forma são compreendidas e estudadas as mediações institucionalidade, tecnicidade, socialidade e ritualidade. A partir disso, examinamos se e de que forma as relações entre produção e recepção são investigadas.

No seu livro seminal ([1987] 1997), Martín-Barbero propõe deslocar o eixo da pesquisa em comunicação: do estudo dos meios para as práticas sociais ou, nos seus próprios termos, “dos meios às mediações”. Na avaliação de Braga (2012, p. 33),

Essa expressão, praxiológica desde sua formulação, realiza duas ações cognitivas relevantes. Por um lado, propõe a superação de uma visão objetivista dos meios (da indústria cultural, suas tecnologias, seus produtos), a serem redirecionados para

uma visão relacional na sociedade. Por outro, introduz uma preocupação da área com a composição daquelas mediações, com os elementos que aí se realizam – mas sobretudo com o modo, a intensidade, a eficácia de tais mediações (culturais) no enfrentamento de seu par relacional (a mídia e seus produtos).

Do nosso ponto de vista, os dois aspectos destacados foram devidamente reconhecidos na pesquisa em comunicação, pelo menos, no nosso contexto. O primeiro, em nível teórico, como ruptura com o midiacentrismo e sua concepção instrumental dos meios; o segundo, no plano da pesquisa, aderindo à ênfase cultural, concretizada via o estudo da recepção nas práticas cotidianas. Foram basicamente esses dois movimentos que constituíram o que denominamos de primeira onda da incorporação do programa de pesquisa das mediações.

De modo sintético, é o que se pode extrair da análise de Jacks, Menezes e Piedras (2008) quando apontam que de 49 pesquisas de recepção realizadas nos programas e pós-graduação em Comunicação brasileiros nos anos 1990, 32 delas se associam à premissa de que a cultura, entendida como modo de vida, é uma mediação decisiva na recepção. Em boa parte desses estudos, tal entendimento está associado ao percurso de Martín-Barbero. Metodologicamente, o modelo das multimediasções, proposição armada por Guillermo Orozco, é frequentemente combinado às reflexões teóricas de Martín-Barbero.

Em 2009, refletindo sobre seu trajeto intelectual⁴, que não se acomodou na apresentação do “mapa noturno” ([1987] 1997), Martín-Barbero avalia que, naquele momento, pensava nas “mediações culturais da comunicação” (2009a, p. 150). E este é o movimento mais amplamente reconhecido da sua perspectiva, onde a pesquisa se desloca para os distintos contextos da vida social, focando nas práticas dos sujeitos, sejam produtores ou receptores/consumidores. Entretanto, o próprio autor reconhece que seu texto foi lido “desde o descobrimento do sujeito, ator do processo, que é o receptor” (2009b, p. 14).

A atenção nas “mediações culturais da comunicação” revelou a conexão intrínseca de sua proposição com um ponto de vista sociológico.

A teoria da mediação argumenta que a vida cotidiana e os poderes instituídos travam um diálogo mudo e dialético por meio de táticas de apropriação, interpretação e resistência. [...] O debate de fundo é a questão da experiência e das formas semióticas que constituem o mundo vivido como uma batalha permanente entre interpretações opostas de consequências imprevisíveis. A influência recíproca e a porosidade desses campos outrora inflexíveis constituem o cerne do programa de pesquisa das mediações, cujo desenho teórico é devedor de uma concepção sociológica de comunicação, e que ao modo dos estudos culturais anglófonos,

⁴ Tais reflexões foram apresentadas em entrevista a Maria Immacolata Vassalo de Lopes, na revista *Matrizes*, e a Mariluce Moura, no periódico *Pesquisa Fapesp*. Tendo em vista o propósito deste artigo, faz-se uma reconstituição descritiva do percurso, reconhecendo que não se trata de apresentar elemento novo na exposição da matéria. Tal retomada, do nosso ponto de vista, necessita ficar balizada pelos esclarecimentos do autor.

permite ver a insidiosa penetração de significações não previstas nos produtos culturais (BASTOS, 2012, p. 6-65).

Entretanto, Martín-Barbero (2009a, p. 153) reconhece que, após seu primeiro mapa, apresenta nova armação onde vão estar em destaque as “mediações comunicativas da cultura”: a tecnicidade, a institucionalidade, a socialidade e as “novas” ritualidades. Para ele, a mudança foi “reconhecer que a comunicação estava mediando todos os lados e as formas da vida cultural e social dos povos. Portanto, o olhar não se invertia no sentido de ir das mediações aos meios, senão da cultura à comunicação. Foi aí que comecei a repensar a noção de comunicação”. É nesse novo deslocamento que se ancora uma possibilidade de desenvolvimento de pesquisa empírica que dá conta da integração entre o espaço da produção e da recepção, ao mesmo tempo em que não perde de vista o aspecto comunicacional.

Nosso trabalho, aqui, consiste, primeiro, em apresentar descritivamente os mapas das mediações, formulados por Martín-Barbero, detendo-nos naquele que é nosso foco, o Mapa das Mediações Comunicativas. Num segundo momento, identificamos teses e dissertações que efetivamente utilizaram tal mapa. De antemão, reconhecemos que nossa seleção não é exaustiva. Ela busca identificar usos, mas certamente trabalhos com essa abordagem não estão aqui incluídos. Por fim, observamos de que modo esse *corpus* constitui a segunda onda na circulação da abordagem das mediações.

2. Recapitulando os mapas

À guisa de introdução ao tema, reitera-se que o conceito de mediação, em Martín-Barbero, não se apresenta numa única definição. O termo, segundo Signates (2006), é citado 37 vezes em “De los medios a las mediaciones”, em cinco sentidos diferentes: a) como construto ou categoria teórica; b) como discursividade específica; c) como estruturas, formas e práticas vinculatórias; d) como instituição ou local geográfico; e e) como dispositivo de viabilização e legitimação da hegemonia. Para Lopes (2014, p. 68), “para compreender tal conceito é melhor começar por pensá-lo como uma noção plural, ou seja, *mediações*”.

Buscando ainda colaborar com essa compreensão, Signates (2006, p. 60-61) aponta o que *não* é mediação. Mediação não é intermediação, pois a ideia de intermediação “*separa as suas categorias em partes tidas por preexistentes e independentes entre si e que, por isso mesmo, necessitam de outras categorias, externas a cada uma delas, para cumprir o papel de intermediárias e garantir as ligações que as tornam interdependentes*” (grifo do autor). Mediação não é, tampouco, “filtro”, pois esse termo reduz o significado ao remeter especificamente à seleção de conteúdos. No entanto, Signates acaba concluindo que

“permanece de certa forma a dúvida inicial sobre o grau de precisão teórica e de aplicabilidade empírica do conceito de *mediação*. Parece claro que a necessidade de uma discussão teórica mais profunda ainda é presente.” (p. 75).

Como já dissemos no início, nosso objetivo não é a discussão teórica – de algum modo, bastante tematizada⁵ –, mas, sim, a identificação da aplicabilidade empírica da abordagem das mediações, no contexto brasileiro, especificamente, quando esta se revela num determinado mapa que pressupõe propostas anteriores, sinteticamente apresentadas a seguir.

Em “De los medios a las mediaciones” (1987), Martín-Barbero aponta três *lugares* de mediação, que destaca como centrais para o estudo da comunicação e da cultura: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. O autor destaca a família como unidade básica de audiência na América Latina, visto que representa a situação primordial de reconhecimento. Assim, o modo como a TV interpela a família não pode ser entendido sem investigar a *cotidianidade familiar*, “âmbito de conflitos e de fortes tensões” e um dos poucos lugares “onde os indivíduos se confrontam como pessoas e onde encontram a possibilidade de manifestar suas ânsias e frustrações” (MARTÍN-BARBERO, 1999, p. 6). Ronsini (2007, p. 70) entende por cotidianidade familiar a “organização espacial e temporal do cotidiano em diferentes classes sociais, isto é, o *locus* da sociabilidade” entre os sujeitos e a partir do qual são definidas as relações de poder.

No que se refere à *temporalidade social*, pode-se dizer que essa relaciona o tempo do capital, produtivo, acelerado, valorizado economicamente, com o tempo da cotidianidade, repetitivo, fragmentado, que conforma a rotina diária. A televisão liga os dois tempos, colocando em contato o ritual e a rotina domésticos com o mercado. O tempo da TV trabalha com “a variação do idêntico”, conjugando “a descontinuidade do tempo do relato com a continuidade do tempo relatado.” (MARTÍN-BARBERO, 1999, p. 9).

Por *competência cultural* definem-se as formas de pensar, agir e sentir a experiência social, sendo etnia, cultura regional e classe social alguns de seus principais conformadores. A competência cultural, na teoria da reprodução social de Bourdieu, está relacionada com a categoria de *habitus*⁶ (RONSINI, 2007).

⁵ Para evitar inúmeras citações nominais, indica-se a coletânea “Mediação & Mídiação” (MATTOS; JANOTTI JUNIOR; JACKS, 2012), publicada pela Compós.

⁶ Para Bourdieu, *habitus* é um “sistema subjetivo, mas não individual, de estruturas interiorizadas, esquemas de percepção, de concepção e de ação, que são comuns a todos os membros do mesmo grupo ou da mesma classe” (BOURDIEU, 1983, p. 79).

Iniciando a década de 1990, no artigo “De los medios a las practicas”, Martín-Barbero (1990, p. 12-13) expõe três “novas mediações”⁷, que esboçam uma “entrada às práticas sociais”. A primeira delas, a *socialidade*, o autor define como aquilo que excede à razão institucional na sociedade, “é a trama formada pelos sujeitos e atores em suas lutas para redesenhar a ordem, mas também suas negociações cotidianas com o poder e as instituições”. Com a segunda, o autor avalia que as práticas sociais duradouras necessitam de forma, ou seja, de uma rotina que regularize sua ocorrência, a que chama de *ritualidade*. Essa seria, então, a repetição das práticas sociais, impondo regras ao jogo da significação por meio de uma *gramaticalidade*. A terceira mediação é a *tecnicidade*, um “organizador perceptivo”, que articula a inovação tecnológica à discursividade. O autor considera que as inovações da técnica teriam consequências na transformação do *sensorium*, ou seja, dos modos de percepção e de experiência social. Desse modo, a tecnicidade é mais do que artefato, é uma “competência da linguagem”.

No prefácio à quinta edição castelhana de “De los medios a las mediaciones”, Martín-Barbero dá continuidade às ideias de 1990. No texto, publicado em espanhol em 1998 e traduzido para o português em 2003, o teórico traça o “novo mapa das mediações”, onde figuram as novas complexidades que constituem as relações entre comunicação, cultura e política. Nesse mapa, estão em relevo as já conhecidas mediações da socialidade, ritualidade e tecnicidade (1990), e a nova mediação da institucionalidade.

A essas “novas mediações” chama de “comunicativas da cultura” (2002), enquanto aquelas lançadas em 1987 define como “culturais da comunicação”. Para Jacks, Menezes e Piedras (2008), por motivos teóricos, políticos e empíricos, a centralidade da proposta está na ênfase aos meios de comunicação no estudo de processos comunicativos, embora não deixe de considerar os demais componentes do cotidiano do receptor. O autor admite seu giro teórico: “Inverto meu primeiro mapa e proponho as ‘mediações comunicativas da cultura’. [...] De alguma maneira, nesse momento, aceito que muda o lugar a partir do qual estava olhando.” (MARTÍN-BARBERO, 2009a, p. 151-152). Destaca que a grande mudança é reconhecer que a comunicação⁸ está “mediando todos os lados e as formas da vida cultural e

⁷ A partir da proposição de Martín-Barbero, Orozco, em texto de 1991, elenca cinco grupos de mediações: *videotecnológica*, *cognoscitiva*, *situacional*, *institucional* e de *referência*. Durante a década de 1990, Orozco aprimora seu modelo, mas com alterações pequenas. Essa operacionalização da abordagem das mediações encontra vazão na pesquisa de recepção brasileira, sobretudo, na década de 1990.

⁸ Em 1990 já destacava a centralidade da comunicação, afirmando que “hoje a comunicação aparece constituindo uma nova cena de mediação e reconhecimento social”, uma vez que “a inscrição da comunicação na cultura deixou de ser mero assunto cultural, pois tanto a economia como a política estão inseridas diretamente no que aí se produz” (MARTÍN-BARBERO, 1990, p. 14).

social dos povos. Portanto, o olhar não se inverteia no sentido de ir das mediações aos meios, senão da cultura à comunicação.” (Ibid., p. 153).

No modelo apresentado no prefácio de 1998 (2003) (FIG. 1), move-se entre um eixo diacrônico, também chamado histórico de longa duração – constituído por Matrizes Culturais e Formatos Industriais – e outro sincrônico – formado por Lógicas de Produção e Competência de Recepção. As relações entre os componentes de cada eixo são conectadas por diferentes mediações. As interações entre Matrizes Culturais e Lógicas de Produção são mediadas pela institucionalidade. A tecnicidade é a mediação entre Lógicas de Produção e Formatos Industriais. As relações entre Matrizes Culturais e Competências de Recepção são mediadas pela socialidade. A ritualidade dá-se no entremeio dos Formatos Industriais e Competências de Recepção.



FIGURA 1 – MAPA DAS MEDIAÇÕES COMUNICATIVAS DA CULTURA
FONTE – SIFUENTES, 2010

Lopes (2014, p. 71) considera que, por meio desse mapa, “é possível operacionalizar a análise de qualquer fenômeno social que relaciona comunicação, cultura e política, *impondo-se* [grifo nosso] como uma dimensão da articulação entre produtores, mídia, mensagens, receptores e cultura”. Concordamos com a autora quando afirma que a implementação do Mapa na pesquisa empírica depende da estratégia metodológica que se adote, “de modo que a

escolha pode recair em determinadas mediações, e não em outras, dependendo do destaque que ganham na abordagem analítica” (p. 75). Isso significa que o Mapa pode ser utilizado de modo integral ou em parte. Apesar disso, a compreensão de que o Mapa obrigatoriamente contempla a articulação entre produção e recepção deve ser resguardada, caracterizando a formação da segunda onda de circulação dessa abordagem.

3. Do mapa à pesquisa

Toma-se 1998 como marco para um levantamento inicial de pesquisas que incorporam o Mapa das Mediações Comunicativas da Cultura, embora sua publicação em português somente ocorra em 2003. Destaca-se como referência pioneira no nosso contexto, a investigação “Vivendo com a telenovela”, de Lopes, Borelli e Resende (2002), dado que utiliza um desenho metodológico que contempla, de modo inaugural, a premissa de atenção às dinâmicas que se constituem *entre* as lógicas de produção e dos usos. Ao enfrentar esse desafio, assume o escrutínio de quatro mediações – cotidiano familiar, subjetividade, gênero ficcional e videotécnica, a pesquisa assume que “a recepção é parte tanto de processos subjetivos quanto objetivos, de processos micro, controlados pelo sujeito, e macro, relativos a estruturas sociais e relações de poder que fogem ao seu controle” (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 14). Ou seja, está implicado que se trata de investigar as práticas do receptor associadas ao espaço da produção, sobretudo, visto sob o prisma da organização de um ecossistema midiático. Embora a pesquisa não tome como matriz o Mapa das Mediações Comunicativas da Cultura ([1998] 2003), retém sua principal premissa, isto é, a articulação entre o espaço da produção, a constituição do produto e seu consumo/recepção.

Quatro famílias de distintas condições socioeconômicas são acompanhadas, durante oito meses, na recepção de uma telenovela da Rede Globo, que configura um repertório de representações identitárias, compartilhado por produtores e consumidores, ao longo de 35 anos de produção e de assistência diária (LOPES; BORELLI; RESENDE, 2002, p. 23). Para além dos resultados obtidos, muito variados e abrangentes, ressalta-se a confirmação da hipótese que vê a telenovela como gênero representativo da modernização tardia brasileira, ao combinar o arcaico e o moderno, configurando-se como um produto cultural híbrido, bem como a presença de elementos de um imaginário contemporâneo que atravessa as distintas classes sociais estudadas, embora as diferentes condições de classe e distinções de consumos culturais condicionem a intensidade de assistência de telenovelas.

Na tentativa de observar o tipo de uso das mediações desde a publicação do novo mapa ([1998] 2003), valemo-nos da compilação realizada por Jacks (2014). Percebe-se que o

conceito segue central nos estudos de recepção, como mostram os próprios títulos de vários estudos produzidos nos programas de pós-graduação em comunicação brasileiros na década de 2000 (HARTMANN, 2000⁹; FOGOLARI, 2001¹⁰; RAMOS, 2002¹¹; DORNELES, 2003¹²; PAVAN, 2003¹³; ISER, 2005¹⁴; GUIMARÃES, 2006¹⁵). Do mesmo modo, Jesús Martín-Barbero, segundo o levantamento, é o autor mais referendado nessas pesquisas: “em sua maioria, centram-se nas mediações de Martín-Barbero, frequentemente combinadas com o aporte das multimediações de Orozco Gómez” (JACKS et al, 2014, p. 111). No entanto, avaliando se há mudanças na primeira década de 2000 em relação aos estudos de recepção, e, mais especificamente, se o mapa aqui considerado ou sua premissa balizadora pautam a pesquisa empírica, podemos afirmar que ainda predomina a análise das mediações relativas ao cotidiano familiar e à competência cultural, propostas em “De los medios a las mediaciones” ([1987] 1997). Assim, os estudos das audiências nos anos 2000 permanecem reiterando a premissa da proposição original do autor, não se apropriando da nova elaboração. O Mapa das Mediações Comunicativas não é nem mesmo mencionado em Meios e Audiência II¹⁶ (JACKS, 2014).

Em busca de pesquisas que tenham se detido no mapa barberiano, chegamos à tese de Angela Felippi, defendida no programa de pós-graduação em Comunicação da PUCRS em 2006. A pesquisadora explora empiricamente as mediações da institucionalidade e da tecnicidade – nível da produção e do texto –, e toma, em nível teórico, a competência da recepção, para o estudo da construção da identidade gaúcha em Zero Hora. Tomando o eixo diacrônico do mapa, a autora enfoca nas relações entre Matrizes Culturais e Formatos

⁹ HARTMANN, Atílio Ignácio. *Religiosidade e mídia eletrônica – a mediação sociocultural religiosa e a produção de sentido na recepção de televisão*. São Paulo: USP, 2000. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Universidade de São Paulo, 2000.

¹⁰ FOGOLARI, Élide Maria. *Fazenda Esperança: estudo sobre as mediações culturais e a recepção da telenovela Terra Nostra*. São Paulo: USP, 2001. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Universidade de São Paulo, 2001.

¹¹ RAMOS, D. O. *Astrologia on-line: um estudo da mediação tecnológica*. São Paulo: USP, 2002. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Universidade de São Paulo, 2002.

¹² DORNELES, Luciana Bochi. *Adolescentes privados de liberdade e a televisão: estudo do meio como mediação*. Porto Alegre: UFRGS, 2003. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

¹³ PAVAN, Maria Angela. *A narrativa da TV como suporte para a percepção do cotidiano: leitura crítica e mediações, a criança e a TV*. Campinas: UNICAMP, 2003. Tese (Doutorado em Multimeios), Universidade Estadual de Campinas, 2003.

¹⁴ ZIMMER, Fabiana Iser. *Telejornal e identidade étnica: midiaticização e mediação na recepção do Jornal do Almoço por afro-brasileiros, austríacos e letos*. São Leopoldo: Unisinos, 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2005.

¹⁵ GUIMARÃES, Margaret de Oliveira. *O cotidiano e a cultura: mediações em que se tece o sentido*. São Paulo: USP, 2006. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Universidade de São Paulo, 2006.

¹⁶ Isso não significa que nenhum dos trabalhos analisados fez uso do mapa em questão. Como exemplo, podemos citar a dissertação de Sifuentes (2010), incluída no levantamento referido, que explora o modelo.

Industriais. A identidade gaúcha é a matriz cultural em questão, estudada mediante pesquisa bibliográfica, que abastece o discurso produzido pelo jornal Zero Hora, em que tal identidade tem forte presença. De outro lado, temos o eixo sincrônico, que relaciona produção e recepção – Lógicas de Produção e Competências de recepção, nos termos de Martín-Barbero. As lógicas de produção são reconstituídas por meio de levantamento bibliográfico, observação das rotinas do veículo e realização de entrevistas com editores e diretores. A estrutura e a ideologia do jornal são escrutinadas por Felippi, ressaltando o valor do *localismo* do jornal. No destaque a tal valor, jornalistas e diretores recorrem à ideia que fazem de seu público como justificativa para tal escolha. Além da ideia do leitor presente no discurso dos produtores, de bibliografia e de dados disponíveis sobre o receptor de Zero Hora, a autora não aprofunda a exploração empírica da recepção, não tendo feito contato direto com leitores do jornal. De todo modo, nota-se a presença da relação entre os eixos considerados por Martín-Barbero, bem como um olhar integrado entre produção e recepção na pesquisa de Felippi (2006). Assim, além de precursora entre os estudos encontrados, compreendemos que o trabalho dá conta de dita integração.

Avançando cronologicamente, encontramos dois artigos de Ronsini (RONSINI, 2010; RONSINI; WOTTRICH; SILVA, 2009) que balizam uma série de trabalhos que fazem uso do Mapa das Mediações Comunicativas: Sifuentes (2010), Wottrich (2011), Silva (2011), Prediger (2011)¹⁷, Bordinhão (2012)¹⁸, Missau (2012)¹⁹, Schnorr (2013)²⁰ e Dutra (2014)²¹, todos pertencentes ao grupo de pesquisa coordenado pela professora Veneza Ronsini, com dissertações defendidas no programa de Comunicação Midiática da UFSM. Mas também encontramos a referência à leitura de Ronsini em trabalhos de outras universidades, como Borato (2011), do programa em Comunicação da PUC Minas, e Grijó (2014), que defendeu sua tese no programa de Comunicação e Informação da UFRGS.

Ronsini (2009; 2010) faz um “diálogo crítico com as formulações dos mapas das mediações de Martín-Barbero, destacando o que definimos como a totalidade possível para a

¹⁷ PREDIGER, Solange. *Mídia e representação juvenil: recepção do programa Malhação*. Santa Maria: UFSM, 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Federal de Santa Maria, 2011.

¹⁸ BORDINHÃO, Filipe. *Masculinidade em anúncio(s): recepção publicitária e identidade de gênero*. Santa Maria: UFSM, 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Federal de Santa Maria, 2012.

¹⁹ MISSAU, Lucas Durr. *TV Ovo: A representação de identidades juvenis no audiovisual*. Santa Maria: UFSM, 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Federal de Santa Maria, 2012.

²⁰ SCHNORR, Júlia Mello. *Jovens rurais, corações urbanos: Jornal Nacional e as desigualdades sociais do campo*. Santa Maria: UFSM, 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Federal de Santa Maria, 2013.

²¹ DUTRA, Flora Ardenghi. *Usos e apropriações do celular por jovens de classe popular*. Santa Maria: UFSM, 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Federal de Santa Maria, 2014.

recepção: o contexto social e cultural, o receptor e sua posição de classe, o texto midiático” (2010, p. 2). Ao propor uma “totalidade para a recepção”, foca seu olhar nas mediações da tecnicidade, socialidade e ritualidade, deixando de lado a institucionalidade, que entende estar mais próxima do âmbito da produção e, por isso, não seria do escopo dos estudiosos da recepção. O texto midiático, por sua vez, não fica de fora, e seu estudo, para a autora, não está circunscrito a uma análise de discurso. Dentro do mapa de Martín-Barbero, seria a mediação da tecnicidade a que implicaria o texto. “A tecnicidade traduz, em formato industrial (plano da forma e do conteúdo de um produto cultural dado), a competência comunicativa e a competitividade tecnológica das empresas de comunicação” (p. 11). Sua proposta é “entender a destreza discursiva e seus operadores perceptivos na reprodução (ou contestação) da ideologia dominante, mediante o modelo encoding/decoding de Stuart Hall” (p. 11). Vale notar que, em seu uso do modelo de Hall, que também possui uma proposta de articulação entre produção e recepção, a atenção está na recepção apenas.

Dentre as pesquisas orientadas pela pesquisadora que realizam um estudo empírico embasado no Mapa das Mediações Comunicativas, destacamos os três primeiros a serem defendidos, de Sifuentes (2010), Wottrich (2011) e Silva (2011). As pesquisadoras, embora não reivindicuem a realização de uma pesquisa que abarque a “totalidade da comunicação”, fazem um esforço para incluir as quatro mediações do mapa barberiano em suas dissertações, tecendo ressalvas acerca dos limites da pesquisa individual de mestrado e da consequente impossibilidade de dar conta empiricamente das diferentes instâncias. Wottrich, citando Ronsini (2010), afirma que seu estudo busca a “totalidade da recepção” e que, por isso, deixaria de lado a mediação da institucionalidade. No entanto, assim como Sifuentes e Silva, resolve a dificuldade de abarcar a esfera da produção de forma semelhante, recorrendo à pesquisa bibliográfica. As autoras levantam aspectos da produção das telenovelas da Rede Globo, destacando elementos relacionados à economia política da instituição e das telenovelas. Sifuentes (2010) desenvolve sua análise da institucionalidade destacando: aspectos históricos das telenovelas da Rede Globo; cifras – custos e lucros – que envolvem a produção das novelas; índices de audiência; características das telenovelas escritas pela autora em questão na dissertação – Glória Perez; e repercussão de outras novelas da autora.

O estudo da tecnicidade, assim como defende Ronsini (2010), dá-se mediante o emprego do modelo encoding/decoding, com a busca das codificações dominantes, negociadas e opositivas no texto da telenovela. Para Sifuentes, o interesse maior está nas representações de classe e gênero; para Wottrich, classe social e geração; já para Silva,

gênero e geração. A definição do que é hegemônico se dá a partir do aporte teórico. No que diz respeito àquelas mediações mais claramente circunscritas ao processo de recepção, as de socialidade e ritualidade, as pesquisas fazem uso de técnicas etnográficas para o acompanhamento das rotinas das informantes (mulheres, nos três estudos), aí incluídas observação e entrevistas.

Assim, o que se vê nos trabalhos é uma tentativa importante de, primeiramente, “traduzir” a discussão de Martín-Barbero para um protocolo empiricamente praticável – o que Ronsini (2009; 2010) havia feito no plano teórico –, priorizando a recepção. A produção, embora tomada sem profundidade, não deixa de estar contemplada, também na compreensão das pesquisadoras das relações de poder intrínsecas na recepção de telenovela por mulheres de grupos subalternos.

Grijó (2014), por sua vez, usa o Mapa das Mediações Comunicativas para investigar a recepção de telenovela em um quilombo no Rio Grande do Sul. O pesquisador (2014, p. 122) se ampara na interpretação de Ronsini sobre a proposição de Martín-Barbero, expondo que a autora “defende que a proposição teórica do autor pode ser aplicada de um modo menos ambicioso no que diz respeito à sua amplitude empírica e teórica, podendo ser recortada para definir agendas investigativas diversas com o objetivo de abarcar todo o processo comunicativo”. Embora o texto midiático não seja analisado pelo pesquisador, a partir das telenovelas citadas pelos receptores, Grijó recorre às sinopses das novelas, exibidas em décadas distintas, para identificar as “temáticas da produção”, e nos comentários dos receptores sobre cada uma delas para reconhecer as “temáticas da recepção”. É assim que ele dá conta da tecnicidade, a qual entende não estar restrita “somente às gramáticas discursivas formuladas por práticas de enunciação”, mas, seguindo Ronsini, “serve para entender a destreza discursiva e seus operadores perspectivados na reprodução (ou contestação) da ideologia dominante” (GRIJÓ, 2014, p. 123). Resumidamente, a ritualidade é investigada a partir do diagnóstico dos hábitos e ritmos de vida e consumo, e a socialidade se traduz no estudo dos múltiplos pertencimentos identitários e sua importância para os sentidos da novela para o receptor. É, mais uma vez, a esfera da recepção que está em destaque, com uma armação metodológica com algumas inovações, mas que não se preocupa com a produção, como tem ciência o pesquisador.

À mesma conclusão podemos chegar na leitura da dissertação de Borato (2011), que faz um estudo de recepção da novela *Insensato Coração* com militantes do movimento negro. O trabalho conta com uma seção intitulada “Das mediações culturais às mediações

comunicativas da cultura”. No entanto, a pesquisadora não aponta de modo claro como cada mediação é entendida e estudada, como fazem os autores dos trabalhos citados anteriormente. Antes de adentrar na análise da recepção, Borato faz uma discussão sobre os personagens negros de *Insensato Coração*, suas representações na trama, com destaque para as mulheres negras, e a repercussão midiática sobre a questão racial na telenovela, a partir de materiais jornalísticos. As mediações tecnicidade e ritualidade não organizam a análise da recepção, como se deu nos demais trabalhos. São tomadas duas categorias, identidade étnica e representação étnica para isso, visto que se busca investigar “como esta telenovela atua como mediadora das identidades e das representações étnicas por meio de seu enredo, núcleo e personagens negros, e como os militantes se veem representados” (BORATO, 2011, p. 10). Entendemos que, no trabalho em questão, não haveria diferença na investigação empírica se o Mapa considerado não fosse o das Mediações Comunicativas da Cultura, visto que nenhuma delas é explorada.

Outra apropriação do modelo barberiano que encontramos é a de Knewitz (2010). A pesquisadora não busca dar conta do mapa completo de Martín-Barbero, no entanto, sua interpretação do mesmo é original. Tendo como objeto empírico um portal de notícias – Zero Hora.com – e com o objetivo de analisar as práticas relacionadas ao consumo do jornal impresso e do jornal online, a pesquisa se estrutura em dois eixos de análise: um diacrônico e outro sincrônico. Ao analisar o eixo diacrônico, em que se passa do jornal impresso para o online, há a preocupação de identificar rupturas e continuidades no modo de fazer e consumir jornalismo. No eixo sincrônico, inclui o estudo das transformações que a tecnologia opera nas linguagens e formatos e nas relações sociais de sujeitos receptores. Assim, as mediações centrais para Knewitz são a tecnicidade e a ritualidade, através da realização de entrevistas etnográficas e observações online. A esfera da produção, contudo, atravessa o estudo, já que é o próprio modo de fazer jornalismo que acarreta nos rituais de leitura que são analisados.

4. Considerações finais: uma segunda onda na abordagem das mediações?

Como se pode notar, predominam as pesquisas de recepção que se esforçam em usar o Mapa das Mediações Comunicativas. Encontramos, contudo, duas propostas para o aproveitamento de Martín-Barbero também no estudo do texto e da produção. Primeiramente, Gomes (2011) lança mão do modelo em uma proposição sobre o gênero televisivo como categoria cultural. A autora identifica os deslocamentos operados pelo autor desde 1987, partindo do “mapa noturno para explorar o novo campo” até chegar ao mapa aqui em destaque. Gomes (2011, p. 127) defende que “colocar o gênero no centro do mapa das

mediações é uma boa pista para a construção de um modelo de análise que articule as relações entre comunicação, cultura, política e sociedade e que permita uma visão global e complexa do processo comunicativo”. Ainda que o artigo permaneça no nível teórico, sem a apresentação de um protocolo metodológico ou a realização de uma análise empírica, é uma contribuição importante na busca de entendimento e aplicação do mapa.

Por sua vez, Felippi e Escosteguy (2013) sugerem o aprofundamento das reflexões de Martín-Barbero para uma “análise cultural do jornalismo”. As autoras avaliam que é ainda pobre o uso dos contributos de Martín-Barbero no campo do jornalismo, apesar da longa discussão acerca do legado do teórico para o campo da comunicação. Felippi e Escosteguy lançam o desafio de uma abordagem integral do jornalismo, que poderia ser feita por meio do uso do Mapa das Mediações Comunicativas da Cultura. Embora, como as autoras afirmam, não seja oferecido um modelo metodológico de pesquisa, a reflexão permite ver importantes pistas para uma relação mais estreita entre Martín-Barbero e Jornalismo. Isto, por sua vez, referenda que a perspectiva das mediações é útil na visada a qualquer fenômeno social que se constitua nas articulações entre comunicação, cultura e política, como entende Lopes (2014) ao estudar o mapa barberiano. O que continua sendo notado, entretanto, é a ênfase na telenovela como objetivo de pesquisa que recorre às mediações para seu estudo, como se pôde verificar na maior parte dos trabalhos analisados.

Por fim, entendemos que, embora se reconheçam as condições teóricas para a configuração de uma segunda onda da abordagem barberiana no Brasil, essa não se firmou, uma vez que não só o mapa ainda não é usado de forma tão expressiva, mas, especialmente, porque o sentido de integração entre recepção e produção não é encontrado nos trabalhos empíricos que desenvolvem suas investigações a partir do modelo de Martín-Barbero. Como na primeira onda, permanece o uso predominante da “teoria das mediações” por pesquisas de recepção. Pesquisas como a de Felippi (2008), que faz uso do mapa da perspectiva contrária, da produção, e que através da proposição de Martín-Barbero se aproximam da recepção, são exceção.

Tal conexão entre produção e recepção foi recentemente destacada por Bastos (2012, p. 63), para quem “o conceito [de mediação] remete a um programa de pesquisa em produção e recepção fora do diagrama da teoria informacional”. Além disso, endossa a ideia de que mesmo em “Dos meios às mediações” (1997) já existia tal reivindicação (ESCOSTEGUY, 2007; 2009), embora não tenha sido destacada na primeira onda de circulação do pensamento barberiano entre nós. Nessa, a marca mais evidente foi o entendimento da perspectiva das

mediações como teoria da recepção. Se o “novo mapa”, também, repercute numa nova leva de estudos que priorizam a “totalidade da recepção”, quer dizer que andamos pouco no entendimento da proposta de Martín-Barbero como uma teoria do processo comunicativo e, portanto, privilegiando as relações entre produção e recepção.

Assim, avaliamos que tanto quanto a pesquisa de recepção poderia explorar mais aspectos relativos à produção, trabalhos com enfoque em produção e texto poderiam igualmente se valer de Martín-Barbero, explorando um eixo pouquíssimo desenvolvido do Mapa das Mediações Comunicativas. Do mesmo modo, o ingresso da perspectiva em outras subáreas, como a do jornalismo e mesmo da “comunicação digital”, TICs – ou o nome que se dê para esse âmbito – também, é um veio aberto, ainda sem exploração.

Referências

BASTOS, Marco Toledo. *Medium, media*, mediação e midiaticização: a perspectiva germânica. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (Orgs). **Mediação & Midiaticização**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012. p. 53-78

BORATO, Roberta de Souza. **Mediação das identidades e representações étnicas pela telenovela Insensato Coração**: estudo de recepção dos militantes negros. Belo Horizonte: Puc Minas, 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2011.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1983. p. 46-81

BRAGA, José Luiz. Circuitos *versus* campos sociais. MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (Orgs). **Mediação & Midiaticização**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012. p. 31-52

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Quando a recepção já não alcança: os sentidos circulam entre a produção e a recepção. **Ecompós**, vol.12 (1), jan/abr. 2009.

_____. Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e recepção. **Comunicação, Mídia e Consumo**, vol. 4 (11), p. 115-135, nov. 2007.

FELIPPI, Ângela Cristina Trevisan. **Jornalismo e identidade cultural**: construção da identidade gaúcha em Zero Hora. Tese de doutorado em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), 2006.

FELIPPI, Ângela; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Rumores**, n. 14, vol. 7, p. 8-27, julho-dezembro 2013.

GOMES, Itânia Maria Mota. Gênero televisivo como categoria cultural: um lugar no centro do mapa das mediações de Jesús Martín-Barbero. **Revista Famecos**, v. 18, n. 1, p. 111-130, jan./abr. 2011.

GRIJÓ, Wesley Pereira. **Mediações quilombolas**: apropriações étnicas na recepção de telenovelas. Porto Alegre: UFRGS, 2014. Tese (Doutorado em Comunicação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

JACKS, Nilda (Coord.); MENEZES, Daiane; PIEDRAS, Elisa. **Meios e audiências**: a emergência dos estudos de recepção no Brasil. Porto Alegre: Sulina, 2008.

JACKS, Nilda (Org.). **Meios e audiências II: a consolidação dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2014.

LOPES, Maria Immacolata V. De Lopes. Mediação e recepção. Algumas conexões teóricas e metodológicas nos estudos latino-americanos de comunicação. **Matrizes**, vol 8 (1), jan./jun. p. 65-80, 2014.

MARCONDES FILHO, Ciro. Martín-Barbero, Canclini, Orozco. Os impasses de uma teoria da comunicação latino-americana. **Revista Famecos**, n. 35, p. 69-85, abril 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

_____. **Ofício de cartógrafo**. Travesías latinoamericanas de la comunicación en la cultura. Santiago de Chile: Fondo de Cultura Económica, 2002.

_____. Pistas para entre-ver meios e mediações. Prefácio. In: _____. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, p. 11-21, 2003.

_____. Uma aventura epistemológica – entrevistado por Maria Immacolata Vassalo de Lopes. **Matrizes**, ano 2 (2), 2009a.

_____. As formas mestiças da mídia. Entrevista a Mariluce Moura. **Pesquisa Fapesp**, 2009b.

MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (Orgs). **Mediação & Mdiatização**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012.

OROZCO, Guillermo. La audiencia frente a la pantalla. Una exploración del proceso de recepción televisiva. **Diálogos de la comunicación**, n. 30, FELAFACS, Lima, Peru, p. 54-62, 1991.

RONSINI, Veneza V. Mayora; WOTTRICH, Laura Hastenpflug; SILVA, Renata Córdova. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero no estudo de recepção da telenovela. In: **XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Curitiba, 2009.

RONSINI, Veneza V. Mayora. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha empírica de recepção). In: **XIX Encontro da Compós**. Rio de Janeiro, 2010.

SANTI, Vilso Junior Chierentin. **Mediação e Mdiatização**. Conexões e desconexões na análise comunicacional. Porto Alegre: PUCRS, 2013. Tese (Doutorado em Comunicação Social), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2013.

SIFUENTES, Lírian. **Telenovela e a identidade feminina de jovens de classe popular**. Santa Maria: UFSM, 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Federal de Santa Maria, 2010.

SIGNATES, Luiz. Estudo sobre o conceito de mediação. **Novos olhares**, n. 2, p. 37-49, 1998.

_____. Estudo sobre o conceito de mediação e sua validade como categoria de análise para os estudos de comunicação. In: SOUSA, Marcos Wilton de. **Recepção mediática e espaço público**. Novos Olhares. São Paulo: Paulinas, 2006.

SILVA, Renata Córdova. **Feminino velado: a recepção da telenovela por mães e filhas das classes populares**. Santa Maria: UFSM, 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Federal de Santa Maria, 2011.

SILVA, Gislene. Pode o conceito reformulado de *bios midiático* conciliar mediações e mdiatização? In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (Orgs). **Mediação & Mdiatização**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012. p. 31-52



Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação
XXV Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 7 a 10 de junho de 2016

WOTTRICH, Laura Hastenpflug. **Envelhecer com *Passione***: A telenovela na vida de idosas das classes populares. Santa Maria: UFSM, 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Federal de Santa Maria, 2011.